



A narração da história da psicologia do desenvolvimento e da produção sobre a infância nos livros didáticos

The narration of the history of developmental psychology and of the production about childhood in didactic books

**Maria Cristina S. de Gouvêa
Priscilla Nogueira Bahiense**

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

No presente trabalho procuramos analisar a apresentação da constituição histórica da psicologia do desenvolvimento nos manuais de ensino da disciplina dirigidos ao ensino superior. Tendo em vista a afirmação histórica de uma escola centrada na criança/aluno, os cursos de formação inicial e continuada conferiram destaque ao estudo dos processos de desenvolvimento, da infância a idade adulta, tido como fundamental para a qualificação do educador e psicólogo escolar. Faz-se importante, portanto, compreender que saberes foram e são transmitidos no interior desta disciplina, com que estratégias e recursos didáticos. Ao realizarmos as análises, verificamos nos compêndios que a narrativa histórica mostra-se linear, centrada no registro dos principais autores e seus feitos. Não é estabelecida relação entre o processo de constituição da disciplina e os processos históricos mais amplos, nem é construída uma análise das condições de produção dos saberes, as tensões na afirmação do campo. Por outro, o relato evolutivo faz-se desvinculado de uma problematização histórica. Com isso, apresenta-se ao leitor, uma visão a - histórica da disciplina, que não permite relacionar o conhecimento produzido a seu percurso de construção e consolidação.

Palavras-chave: história; psicologia do desenvolvimento; livros didáticos.

Abstract

In this paper we analyze the presentation of the historical constitution of the psychology of the development of teaching manuals of the subject aimed at higher education. Given the historical claim of a child/student-centered school, the courses of initial and continuing training gave prominence to the study of development processes, from childhood to adulthood, seen as crucial for the qualification of the educator and school psychologist. It is therefore important to understand that knowledge was and is transmitted within that discipline, and the strategies and teaching resources. By conducting the analysis, we found that in textbooks the historical narrative was linear, centered on the record of the main authors and their achievements. A relationship between the process of constituting the discipline and the broader historical processes is not established, nor is it built an analysis of the conditions of knowledge production, the tensions in the affirmation of the field. On the other hand, the evolutionary account is disconnected from a historical problematic. Thus, it presented to the reader an ahistorical view of the discipline, which does not allow relating the knowledge produced to the path of construction and consolidation.

Keywords: history; developmental psychology; didactic books.



Nos espaços de formação dos profissionais da escola básica, um dos saberes historicamente priorizados tem sido o estudo dos processos de desenvolvimento humano e, mais destacadamente, das mudanças afetivo-cognitivas operadas no indivíduo, da infância à idade adulta (1). Tal centralidade construiu-se historicamente, principalmente sob influência das modernas teorias pedagógicas que, ao longo do século XX propugnaram uma escola centrada na criança – aluno. Neste sentido, a psicologia configurou-se como campo de conhecimento hegemônico na apreensão do sujeito infantil, em sua relação com o conhecimento, ciência entendida como capaz de conferir científicidade às práticas pedagógicas.

Os cursos de formação inicial e continuada de professores conferiram destaque a este campo científico, expresso na forte presença na grade curricular da disciplina psicologia do desenvolvimento, tida como fundamental para a qualificação do educador. Afirmou-se historicamente a representação do aluno como sinônimo de criança, sendo sua identidade remetida a um pertencimento etário: a infância, tornando opacas outras categorias informadoras de sua identidade social, tais como classe, gênero e raça/etnia. Tal sinonímia entre os termos criança e aluno conferiu centralidade ao estudo do desenvolvimento humano, especialmente dos processos iniciais de formação do indivíduo como se tal estudo fornecesse elementos suficientes para compreensão da identidade do aluno. Como afirma Narodowski (1994), se criança e aluno referem-se usualmente ao mesmo sujeito empírico, correspondem a objetos epistêmicos diferenciados, tornados historicamente equivalentes na produção educacional.

Uma série de trabalhos vem se debruçando sobre esta temática, tanto no campo da psicologia, quanto no da educação, contemplando a construção da centralidade da psicologia e, mais exatamente da psicologia do desenvolvimento nos currículos e materiais didáticos dos cursos de formação docente (2). Com isso verifica-se que o estudo dos processos de aprendizagem no contexto escolar foi reduzido a análise dos estágios do desenvolvimento humano da infância à idade adulta, descontextualizados do seu contexto sociohistórico.

Tal crítica, tornada freqüente a partir das últimas décadas do século XX (vide Larocca, 1999) fez emergir uma produção diferenciada no campo da educação, indicando uma renovação dos olhares sobre o aluno. Se predominava um “psicologismo” (Larocca, 1999) no estudo da relação que o indivíduo estabelece com o conhecimento, esta apreensão tem sido ressignificada a partir da emergência de campos como sociologia, antropologia e história da infância, levando a uma produção interdisciplinar sobre o tema e quebrando a hegemonia histórica da disciplina psicologia (3). Tais campos investigativos tomam a criança como sujeito sociohistórico cultural e apontam como o desenvolvimento do indivíduo constitui um processo ativo de apropriação da cultura (vide, entre outros, Corsaro, 2011).

Por outro, verifica-se a presença de estudos no campo da história da psicologia que apresentam um olhar crítico sobre a emergência da psicologia do desenvolvimento. Assim é que Plotkin (2004), no seu estudo sobre o olhar evolutivo no campo da psicologia, aponta que tal perspectiva emergente no século XIX é renovada ao final dos séculos XX e XXI sob a forma de investigações em etologia e sociobiologia. Shuttleworth (2010) contempla a emergência de estudos sobre o desenvolvimento indicando que a curiosidade sobre a infância fazia-se presente não apenas na produção científica, mas também literária e na vida cotidiana, com a intensa produção de diários sobre o desenvolvimento da criança por pais, mães e educadores. Para a autora, a científicização e consequente profissionalização do campo significou também a masculinização do mesmo, já que os homens eram considerados como capazes de produzir uma ciência dotada de rigor e objetividade. Gouvea e Gerken (2010) apontam como esta fundou-se no diálogo com teorias que afirmavam a relação entre o desenvolvimento do indivíduo e da espécie, estabelecendo uma identidade entre o pensamento infantil e o de outros



povos/raças ditos primitivos. Neste sentido, sob um viés etnocêntrico, operaram uma racialização do estudo do desenvolvimento humano.

Tendo em vista as questões hoje postas para a psicologia do desenvolvimento, indicando a necessária interdisciplinaridade no estudo dos processos de desenvolvimento e de construção do conhecimento, cabe apreender: como tais processos vêm sendo estudados nos cursos de formação de professores e psicólogos? Como os materiais didáticos abordam o estudo do desenvolvimento humano? Como contemplam a trajetória histórica de formação e consolidação do campo da psicologia do desenvolvimento? Em que medida incorporaram uma leitura crítica sobre o tema?

Com base nestas questões, buscamos desenvolver uma pesquisa sobre os saberes veiculados nos manuais didáticos de ensino de psicologia do desenvolvimento. Mais especificamente analisar como a história da disciplina é apresentada nos compêndios, verificando se é desenvolvida uma problematização da mesma. Para tal, foi feita uma análise historiográfica de treze manuais didáticos, avaliando-se: como é apresentada a história da psicologia? Que relações são estabelecidas com o contexto histórico de produção deste conhecimento? Qual a perspectiva historiográfica de escrita da história da psicologia do desenvolvimento?

Iremos apresentar a pesquisa situando inicialmente os referenciais teórico-metodológicos da mesma, contemplando posteriormente dois temas no estudo dos livros didáticos: a apresentação do percurso de constituição da psicologia do desenvolvimento e os referenciais do estudo do desenvolvimento humano. Por fim, iremos discutir as relações e implicações para o ensino da psicologia

A nova história e as contribuições para a psicologia

Ao buscarmos analisar como foi escrita a história da psicologia do desenvolvimento e da produção de saberes sobre a infância, recorreu-se à análise historiográfica, tomando os manuais como fontes, tentando apreender qual a perspectiva de construção da narrativa deste percurso.

Nesta direção, foi estabelecido um diálogo com a chamada Nova História (4), que nos forneceu ferramentas teórico-metodológicas de análise desta questão. A cientificização da história, ao longo do século XIX, deu-se a partir de uma perspectiva positivista, em que a história era apreendida como a narração dos fatos, tomados como sucessão de acontecimentos, cujos atores eram os “grandes homens”, história esta desvinculada de qualquer problematização.

Foi a partir das primeiras décadas do século XX, com a emergência da chamada Nova História, que construiu-se outra perspectiva historiográfica, a qual toma como objeto não os grandes acontecimentos, mas as lentas transformações nas estruturas que os sustentam. Por outro, os atores históricos não se reduzem mais aos grandes homens, mas aos diferentes grupos sociais em cena, no seu fazer histórico. Por fim, o estudo de um tema histórico faz-se a luz de uma problematização, da compreensão de seu significado no período analisado.

Todas estas reflexões fizeram emergir uma nova escrita da história, problematizando-se as escritas anteriores. Porém, até que ponto esta revolução na escrita da história foi incorporada pelos autores dos manuais didáticos de psicologia? Com que perspectiva a emergência da psicologia do desenvolvimento e a produção sobre a infância é narrada nos manuais? Até que ponto dialogaram ou incorporaram uma problematização da história, ou se mostraram marcados por um viés positivista?

No campo da história da infância, se desde a pesquisa desenvolvida por Áries (1978) – “História Social da Criança e da Família”, publicada inicialmente em 1962 – deu-se início a uma fecunda tradição de investigações que tomam a criança como objeto histórico, em diferentes períodos, contextos e espaços de inserção, em que medida as contribuições de tais investigações são incorporadas nos manuais escolares de psicologia do desenvolvimento?



É no interior desta temática e a partir dos referenciais teórico-metodológicos da história da educação, no diálogo com as teorias da história, que busca-se aqui contemplar duas questões particulares: a transmissão de conhecimento sobre a história da disciplina “Psicologia do desenvolvimento” e o lugar dos estudos sobre a infância nesta disciplina. Faz-se importante compreender que saberes foram e são transmitidos no interior desta disciplina, com que estratégias e recursos didáticos.

Caracterização da fonte: os manuais escolares de psicologia do desenvolvimento

Os materiais didáticos e, especialmente, os compêndios vêm sendo intensamente estudados nos últimos anos, contemplando não apenas seu conteúdo textual, mas seu processo de produção, circulação e apropriação, a materialidade do impresso, suas características tipográficas, a luz da chamada história cultural (vide Chartier, 2003).

Dentre os chamados livros didáticos, Alain Choppin (2004), um dos principais autores de referência do campo, destaca a pouca presença de estudos sobre os chamados manuais escolares de matérias científicas, especialmente os que circulam no ensino superior. Ao tomarmos tais materiais como objeto de investigação, privilegiamos uma análise mais internalista, voltada para estudo dos conteúdos transmitidos na obra, contemplando o que Chopin (2004) define como:

questões de natureza epistemológica e didática propriamente dita: qual(s) discurso os manuais sustentam sobre determinada disciplina e sobre seu ensino? Qual(s) concepção(s) de história, qual(s) teoria(s) científica(s) ou qual(s) doutrina(s) lingüística(s) representam ou privilegiam? Qual o papel que atribuem à disciplina? Que escolhas são efetuadas entre os conhecimentos? Quais são os conhecimentos fundamentais? Como eles são expostos, organizados? (p. 180).

Por outro, consideramos que os saberes, informações, autores referidos nos textos, ao circularem nos espaços de formação docente, expressam uma busca de uniformização do conhecimento sobre o campo que, ao mesmo tempo em que revelam, silenciam. No dizer de Chopin (2004):

se o livro didático é um espelho, pode ser também uma tela... a análise de livros didáticos de ciências mostra que estes também apresentam uma visão consensual e normalizada do estado da ciência de sua época; toda controvérsia é deliberadamente eliminada da literatura escolar (p. 187).

Assim é que buscamos analisar que história é contada nestes manuais, que autores e abordagens são privilegiadas em detrimento de outras perspectivas analíticas.

Considera-se que a constituição de um campo científico envolve não apenas a produção de um corpo de saberes articulado em torno de um objeto de conhecimento, de estratégias metodológicas de investigação, mas também recursos e espaços de transmissão deste conhecimento, cientificamente legitimadas. Assim é que a consolidação de uma área de conhecimento se articula com a produção histórica de estratégias de reprodução dos saberes no interior do campo, mais especificamente com a conformação de espaços e materiais didáticos de ensino.

De acordo com Oliveira (2003):

Dentro da historiografia das ciências, vem se difundindo cada vez mais a perspectiva de não considerar o desenvolvimento das ciências tão



somente a partir das seqüências e teorizações, experimentos e argumentações, mas de buscar enriquecer a compreensão do fenômeno científico a partir das práticas científicas dos mecanismos sociais de negociação e legitimação que envolvem a produção, a aceitação e a difusão dessas práticas (p. 103).

No caso da Psicologia do Desenvolvimento, esta articula-se como campo científico dotado de identidade epistêmica ao final do século XIX e início do século XX. A semelhança de outras disciplinas científicas constituiu sua legitimidade não apenas através da produção do conhecimento, mas de estratégias como criação de sociedades e periódicos científicos, organização de departamentos e disciplinas no interior das instituições acadêmicas e elaboração de materiais didáticos de transmissão do corpo de saberes constituído no interior do campo.

Saber o que foi priorizado na formulação da constituição histórica da disciplina nos possibilita entender os eixos epistêmicos que fundamentaram a construção de um olhar singular, não apenas sobre o desenvolvimento humano, mas também sobre a infância, apreendida como momento estruturante da evolução do indivíduo. Por outro, permite-nos apreender a partir de qual perspectiva historiográfica tal processo é narrado.

Tendo estas questões em mente, buscamos analisar treze manuais de psicologia do desenvolvimento acessíveis nas Bibliotecas da Faculdade de Educação e da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Ao realizarmos as análises, buscávamos traços da visão presente em tais materiais sobre o surgimento da ciência, seus principais autores e perspectivas teóricas de análise. Com base neste critério foram selecionados apenas seis (5), para uma análise mais detalhada, por conterem uma apresentação da história da constituição do campo no século XIX (ainda que superficial), que se fez ausente nos demais.

Chama atenção, portanto, que parte significativa das obras analisadas apresentam ao aluno a disciplina sem contemplar sua historicidade, tomando os conhecimentos produzidos pelo campo como desvinculados do contexto histórico de sua constituição.

Os manuais investigados caracterizam-se por serem, em sua maioria, traduções de obras de origem norte-americana, publicadas entre as décadas de 70 e 90 do século XX. Gatti (1995), no estudo das obras utilizadas nos cursos de psicologia, também comenta que na sua grande maioria constituem tradução mal feita de originais antigos, sem revisão de conteúdos, levando a apreensão de uma psicologia abstrata, modeladora, sem pontos de contato com a realidade escolar.

Alguns poucos são de autores brasileiros, observando-se significativa uniformização da estrutura das obras, apreensível não apenas pela apresentação de capítulos com títulos semelhantes, geralmente objetivos e sintéticos, mas no próprio projeto tipográfico, com ausência de recursos visuais, uso empobrecido de cores e de recursos de diagramação.

Mesmo as obras brasileiras têm um conteúdo semelhante às estrangeiras, observando-se uma exclusividade na referência a autores e centros de investigação, quer norte-americanos, quer europeus, desconsiderando-se qualquer produção de outros países e regiões. Correia e Peres (2001) assinalam que:

o processo de circulação dessas obras entre comunidades e países, de importação e normalização desde os títulos até o léxico utilizado, em que tem lugar transferências de sentidos e de conotações que vão gerando descontinuidades e discrepâncias não redutíveis a simples adaptações, mas que apelam a uma



utilização mais ampla do conceito de tradução (p. 198).

Assim é que nos projetos de formação de profissionais produz-se um olhar sobre o campo em que este é referido a apenas alguns autores e espaços de investigação, com uma determinada perspectiva analítica, conduzindo a uma normatização na apropriação do conhecimento sobre a área.

Perspectiva epistêmica e historiográfica

No estudo do conteúdo das obras, verifica-se uma homogeneidade textual, em que é apresentado um rápido percurso histórico factual do surgimento da disciplina e sua evolução, fundado numa perspectiva historiográfica positivista. As informações históricas são apresentadas na introdução ou no primeiro capítulo, através da descrição dos fatos que culminaram no surgimento da ciência da psicologia do desenvolvimento, de forma breve, apenas situando os autores e suas contribuições. Após uma sintética apresentação, via de regra as obras abandonam qualquer referência histórica, passando a contemplar apenas a caracterização das distintas teorias e autores. Assim é que a história da disciplina é pouco trabalhada nos textos. Estes priorizam a transmissão dos conhecimentos mais recentes, ou dos saberes produzidos pelos autores canônicos, desarticulados de uma perspectiva histórica, numa narrativa linear.

O percurso histórico de produção do conhecimento sobre os processos de desenvolvimento humano é apresentado como a construção gradativa de saberes que foram se somando e acumulando, dotados de cada vez maior científicidade e, portanto, poder de verdade.

Em "Crescimento e mudança - introdução à psicologia do desenvolvimento", Harry McGurk (1976) apresenta os antecedentes históricos que contribuíram para a psicologia do desenvolvimento. Neste livro o autor cita desde Platão (427-347 a. C.), que argumentava que as diferenças entre os humanos eram de base biológica, passando por filósofos do século XVII e XVIII, como Locke e Rousseau, até chegar a Darwin, importante autor do século XIX. Este, "com a publicação de *Origin of Species* (1859) e *Descent of Man* (1877), contribuiu bastante para acelerar o interesse no curso natural do desenvolvimento infantil" (McGurk, 1976, p. 19).

Verifica-se que é feita uma recuperação de autores situados em momentos históricos muito diferenciados, apresentando um continuum evolutivo na produção do conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a criança, desvinculado da análise das condições históricas de formulação de tais saberes, em períodos tão distintos.

A referência à influência de Darwin reproduz-se nos diferentes manuais sem, no entanto, ser problematizada. Atribui-se a Darwin a emergência de uma perspectiva evolucionista no campo da psicologia, quando o biólogo sempre refutou estender a outros campos para além da biologia sua teoria. Mais que isto, Darwin não usou o conceito de evolução em seus estudos, mas o de adaptação. Para ele, se um organismo como uma bactéria e adaptado ao meio ele é tão evoluído quanto um organismo de espécies ditas mais complexas (Darwin, 1887/2004).

Na verdade, mais que Darwin, o ideário evolucionista de Spencer é que informa o investimento no estudo dos processos de desenvolvimento humano (Plotkin, 2004; Gouvea & Gerken, 2010). Para Spencer, todo o universo seria marcado por uma trajetória evolutiva, em que progresso e evolução seriam os princípios gerais de todas formas de vida e sociedade. Nos mais distintos campos científicos ao longo do século XIX, sob influência de Spencer, uma abordagem evolutiva se fez presente, como na antropologia, história e, principalmente, na biologia. No caso da psicologia, considerava-se que, no estudo das chamadas faculdades mentais, estas deveriam ser apreendidas sob um olhar evolutivo. Tais faculdades caminhariam de uma imperfeição na infância até chegar a complexidade do pensamento adulto. Afirmou-se aí uma perspectiva etapista denominando-se a psicologia do



desenvolvimento como psicologia evolutiva, que atravessaria também o século XX. Consolidou-se uma visão adultocêntrica que desconsiderava a originalidade e complexidade dos processos mentais da criança, menorizando as formas de conhecimento da criança.

Tal narrativa fez-se presente nos manuais, na apresentação histórica da emergência da disciplina, sem um diálogo com os estudos da história da psicologia do desenvolvimento, como os publicados por Robert Cairns (1998) e Dominique Ottavi (2004), que analisam a relação da emergência desta ciência com o contexto histórico, bem como contemplam as questões de ordem epistemológica presentes à época.

Carmen Enderle (1993) em "Psicologia do Desenvolvimento: o processo evolutivo da criança" considera que "o estudo do desenvolvimento humano inclui a pesquisa dos processos intrapsicológicos e mentais que levam a mudanças de comportamento através do tempo" (p. 17). Porém não aborda o surgimento da disciplina numa perspectiva historiográfica. Há em seu livro um capítulo sobre o "Histórico e evolução" da ciência, no qual não está presente uma descrição mais detalhada de seu surgimento apesar de considerar que:

Um breve histórico da evolução da psicologia do desenvolvimento talvez seja de utilidade, pelo realce à questão metodológica, ponto nevrálgico, até hoje, da pesquisa em psicologia. Por outro lado, inicia o leitor na apreensão das linhas de pensamento em que se embasa a psicologia evolutiva (Enderle, 1993, p. 19).

Ao afirmar a importância do conhecimento histórico da evolução da disciplina, a autora revela, na verdade, o contrário, o que se observa ao compreender que tal conhecimento deve ser apresentado, talvez, de forma breve e informativa. Observa-se uma perspectiva historiográfica fundada na tradição da chamada história das idéias. Esta comprehende a história e especialmente a história da ciência como resultantes da evolução cumulativa do pensamento dos autores. Como chama atenção Peter Burke (2003b): "a sabedoria não é cumulativa. No caso do conhecimento houve e ainda há tanto retrocesso quanto progresso a nível individual" (p. 20).

A perspectiva da chamada história das idéias é firmemente criticada por Lucien Febvre (1952/1996), uma das principais referências da chamada Nova História. Em suas palavras:

esta história é exatamente o contrário daquilo que um método de historiadores exige. E que, perante estas criações de conceitos saídos de inteligências desencarnadas depois vivem de sua própria vida fora do tempo e do espaço, formam estranhas cadeias, de elos ao mesmo tempo irreais e fechados (p. 50).

Observa-se nas obras analisadas a aliança entre uma concepção positivista de história, calcada no registro dos fatos, acontecimentos e autores, a uma perspectiva fundada na história das idéias, de relato da produção do conhecimento como resultante do trabalho intelectual de "inteligências desencarnadas".

Ao citar as fases do desenvolvimento humano, a autora acima referida consegue explorar melhor a história da disciplina, apresentando ao leitor uma breve síntese das idéias que culminaram no surgimento da mesma. As fases são divididas nas seguintes: Fase do método descritivo, que contou com a contribuição da "Teoria da maturação" de Gesell, fase do método correlacional, no qual Freud e Piaget foram de grande importância e por último a fase do método experimental, onde Pavlov e Watson, através do movimento behaviorista incrementaram os estudos realizados.



Porém, não é estabelecida relação entre os diferentes métodos e autores, o que se revela também nas outras obras. A apresentação da história da disciplina como a construção gradativa de métodos referidos a momentos históricos distintos não estabelece um diálogo entre tais métodos e suas diferenciações, que não se sucedem no tempo, numa perspectiva cumulativa de conhecimento, sendo ignoradas as tensões e diferenças entre os distintos métodos apresentados. Na verdade, tais teorias e autores divergem em suas concepções, constituem tradições diferenciadas que se contrapõem, disputam um lugar hegemônico na produção da área, mesmo no presente.

Na análise da fundamentação epistemológica das teorias da psicologia do desenvolvimento, Hiram Fitzgerald, Ellen Strommen e John McKinney (1983) em "Psicologia do desenvolvimento" abordam alguns conceitos advindos de biólogos dos séculos XVII e XVIII. Porém, não há por parte dos autores qualquer problematização a respeito de tais conceitos. Estes apresentam a teoria evolucionista, os métodos quantitativos e de mensuração, o behaviorismo, a psicologia cognitivista, a psicologia dinâmica e a psicologia clínica como as origens históricas da psicologia do desenvolvimento. As origens são apresentadas em tópicos que contemplam as influências desta nova ciência no seu processo de elaboração. Não é estabelecida qualquer relação entre o surgimento da psicologia do desenvolvimento e os processos históricos da época.

O mesmo ocorre na obra "Desenvolvimento Humano" de Justin Pikunas (1979), que aborda o surgimento desta nova ciência, destacando os principais autores e a importância de seus estudos. Porém, não se faz sequer referência ao contexto e período histórico no qual a psicologia do desenvolvimento teve sua gênese.

Encontramos registros referentes a um fato histórico relevante apenas em Dinah Martins de Souza Campos (1997), quando a autora após apresentar um breve histórico da psicologia do desenvolvimento, informa ao leitor que:

Por volta de 1940, a psicologia conseguiu alcançar as características que vêm sendo verificadas atualmente, tendo a Segunda Guerra Mundial repercutido sobre seu desenvolvimento, como a consagração dos testes de seleção, os problemas do moral dos combatentes, do equilíbrio de personalidades e das relações sociais nos grupos.
(p. 18)

Nesta breve referência ao contexto histórico, embora a autora cite as demandas sociais postas em cena na afirmação de um modelo da ciência, não as problematiza. Porque a Segunda Guerra produziu tal leitura dos processos de desenvolvimento humano? Foi apenas este acontecimento, sem dúvida significativo, que levou a consagração dos testes, ou uma estrutura social fundada na seleção dos mais capazes e na adaptação do indivíduo à sociedade?

Diante do estudo das fontes, concluímos que não é estabelecida relação entre a constituição da disciplina e os processos históricos mais amplos, além de não ser construída uma análise das condições de produção dos saberes e não serem apresentadas as tensões na afirmação do campo. Por outro, o relato evolutivo faz-se desvinculado de uma problematização histórica. Com isso, apresenta-se ao leitor, uma visão a-histórica da disciplina, que não permite relacionar o conhecimento produzido à seu percurso de construção e consolidação. Ao mesmo tempo induz-se a uma representação evolutiva linear da história da ciência, que desconsidera as tensões no interior do campo, bem como o caráter não cumulativo do conhecimento.

A criança nos manuais de psicologia do desenvolvimento

Enquanto a história da disciplina não é trabalhada de maneira expressiva nos manuais, a criança se encontra como ponto de partida para o surgimento da área.



A busca pela compreensão do desenvolvimento humano se inicia na observação do desenvolvimento infantil, gerada a partir da nova conceituação de criança agregada à educação.

Segundo Enderle (1993), ultimamente surgiram vários questionamentos quanto ao conceito de infância, este sendo abordado sob uma perspectiva histórica. Esta permitiria compreender a infância como determinada pelas transformações organizacionais da sociedade. Com isso:

torna-se obsoleto admitir um conceito único e universal, que considera todas as crianças iguais, isto é, essencialmente inocentes, incompletas e imperfeitas, portanto necessitadas da "moralização" dos adultos (Enderle, 1993, p. 19).

Para a autora as crianças possuem, portanto, suas singularidades, fruto de sua inserção sócio-histórica e seu desenvolvimento não deveria ser entendido como definido por um padrão a-histórico e universal. Seria a partir deste recorte que a psicologia do desenvolvimento deveria desenvolver suas investigações.

Se esta reflexão, fundada no diálogo com as produções mais recentes da história e da sociologia da infância, se fazem presentes na introdução desta obra, não são incorporadas ao longo do texto, que prioriza a apresentação de autores e pesquisas fundadas num modelo universalista de análise dos processos de desenvolvimento humano.

Nos manuais (6) encontramos as fases de desenvolvimento das crianças bem definidas pelos autores que as detalham como, por exemplo, Pikunas (1979), que em seu livro contempla-as considerando os fatores psicológicos e suas implicações sociais. A perspectiva etapista informa as diferentes obras que, na organização dos capítulos, não apresentam distintamente os diversos aspectos do desenvolvimento, como cognição, linguagem, psicomotricidade, afeto, emoção, etc., mas os sucessivos estágios definidos pelos autores. Reproduz-se assim uma visão universalista e etapista, hoje fortemente criticada, ou anteriormente contemplada a partir de um olhar diferenciado em autores como Vygotsky e Wallon.

Embora Vygotsky seja trabalhado em algumas das obras, não é construída uma interpretação que analise o impacto de sua produção na construção de uma perspectiva epistemológica diferenciada na análise da criança. Não é estabelecido diálogo contrastante entre as teorias etapistas universalistas do desenvolvimento e a visão cultural de Vygotsky e da tradição sócio-histórica. Já Wallon, apesar de sua significativa produção, faz-se quase ausente nos manuais analisados, talvez pela pouca penetração de seus estudos no universo acadêmico norte-americano, ou pelo seu olhar também não universalizante. São também ignorados autores que se debruçaram sobre os processos de desenvolvimento e renovaram o olhar sobre o tema, como os estudos da antropóloga Margareth Mead (1930) sobre a adolescência em Samoa, demonstrando a não universalidade dos processos de desenvolvimento humano.

A existência de estudos sobre o desenvolvimento humano em outras disciplinas é apresentada por outro manual, largamente utilizado nos cursos de formação "Desenvolvimento e personalidade da criança", de Mussen, Conger e Kagan (1977). Estes afirmam que a psicologia do desenvolvimento se ancorou nos métodos, conteúdos e conhecimentos da filosofia, fisiologia, biologia, astronomia, matemática, medicina, ciências sociais – especialmente da política e economia – e teologia, mas foi principalmente a partir de elementos presentes na filosofia, física e fisiologia, que tornou-se uma disciplina formal distinta. Esta utilização de conceitos de diversas áreas resultou em uma nova literatura sobre o desenvolvimento humano, visto que:

Os primeiros autores foram basicamente filósofos, religiosos, médicos, educadores, humanistas e reformistas mas, já naquela época, abordaram



problemas que ainda são críticos para o psicólogo do Desenvolvimento (Mussen, Conger & Kagan, 1977, p. 5).

Observa-se, por fim, a escolha de uma escrita mais informativa que analítica, num texto em que a interpretação das obras apresentadas, suas diferenciações teórico-conceituais se fazem quase ausentes, informando uma apropriação a-crítica da disciplina.

Considerações finais

Tendo em vista a função social dos manuais escolares de ensino da disciplina, cabe-nos interrogar sobre a recepção pretendida pelo autor e sua efetiva apropriação do texto pelo leitor.

A história da ciência e das disciplinas científicas cada vez mais amplia seu campo investigativo, incorporando novos objetos de análise. Assim é que se aqui contemplamos uma análise textual internalista de alguns compêndios que circulam em espaços de formação de profissionais da educação e psicologia, tal análise deve ser acrescida pelo estudo de outros aspectos.

Destacadamente, no que refere-se à investigação acerca dos manuais de ensino da disciplina, cabe-nos interrogar acerca de sua apropriação pelo leitor e do papel mediador do professor na relação com o texto.

Ou seja, se aqui contemplamos as representações sobre a emergência histórica da disciplina e dos estudos sobre a criança, cabe apreender como se deu sua transmissão e apropriação no interior dos espaços de formação. Como tais materiais foram e tem sido utilizados na prática docente? A partir de que perspectiva? Como os alunos se apropriaram e apropriam de tal conhecimento e com ele dialogam em suas práticas?

Neste sentido, como nos alerta Roger Chartier (2003), o trabalho de leitura de uma obra envolve uma apropriação pelo leitor em que este constrói significados sobre o texto, num processo ativo, definido pelo seu lugar social, ultrapassando os horizontes postos pelo autor e pela materialidade da obra. Neste caso, o aluno/leitor atribui sentido para a disciplina psicologia do desenvolvimento certamente não a partir de uma recepção a-crítica da obra, mas insere-a num quadro de referência mais amplo, no interior do qual ela adquire sentido.

Tal questão não foi aqui contemplada, mas sinaliza um fértil objeto de investigação. O estudo dos manuais de ensino da disciplina indicou a produção de uma visão normatizada do campo. Tal visão mostrou-se calcada, por um lado, numa perspectiva historiográfica positivista evolucionista, centrada na descrição da produção de sistemas explicativos sobre os processos de desenvolvimento humano. Estes, por outro, foram apresentados segundo uma perspectiva fundada numa história das idéias entendidas como fruto da elaboração intelectual dos diferentes autores, desvinculadas das condições históricas de produção.

Porém, fica uma questão: que interpretação o aluno/leitor constrói sobre tais textos, considerando sua prática social, seus espaços de inserção e a mediação do professor?

Por outro, na produção de um olhar sobre a criança, na prática do aluno/leitor, até que ponto esta perspectiva universalista e etapista de análise de seu processo de desenvolvimento marca sua ação profissional?

Referências

- Aries, P. (1978). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1962).
- Burke, P. (2003a). *A escola dos annales, 1929 - 1989* (P. Dentzien, Trad.) São Paulo: Unesp. (Original publicado em 1990).



- Burke, P. (2003b). *História social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 2000).
- Cairns, R. (1998). The making of developmental psychology. Em W. Damon & R. Lerner (Orgs.). *Theories models of human development: handbook of child psychologie* (vol. 1, pp. 25-106). New York: J. Wriden.
- Campos, D. M. S. (1977). *Psicologia e desenvolvimento humano*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Chartier, R. (2003). *Formas e sentido, cultura escrita: entre distinção e apropriação* (M. L. M. Matencio, Trad). Campinas, SP: ALB; Mercado de Letras. (Original publicado em 1995).
- Choppin, A. (2004). História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, 30(3), 178-201.
- Cohn, C. (2005). *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Correia, A. C. & Peres, E. (2001). Aprender a ser professor a través de los libros: representación profesional, currículum escolar y modelos de aprendizaje em los manuales de pedagogia y didática para la formación de professores de enseñanza primaria em Portugal (1870-1950). Em G. O. Sauter & M. S. Rodríguez (Orgs.). *Los manuals escolares como fuente para la historia de la educación em América Latina* (pp. 187- 201). Madrid: Uned.
- Corsaro, W. (2011). *Sociologia da infancia*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Darwin, C. (2004) *Autobiografia* (T. Avelar, Trad.). Lisboa: Relógio d'agua. (Original publicado em 1887).
- Enderle, C. (1993). *Psicologia do desenvolvimento: o processo evolutivo da criança* (3ª ed). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1985).
- Febvre, L. (1996). *Olhares sobre a história*. (F. Tomaz, Trad.) Lisboa: Asa. (Original publicado em 1952).
- Fitzgerald, H. E, Strommen, E. A & Mckinney, J. P. (1983). *Psicologia do desenvolvimento* (3 vol.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Campus. (Textos contemporâneos em psicologia, psicanálise e psiquiatria, 9-11). (Original publicado em 1977).
- Gatti, B. (1995). A estrutura e dinâmica das licenciaturas: problemas antigos, alternativas e o papel da psicologia da educação. *Psicologia da Educação*, 1, 21-33.
- Gouvea, M. C. & Gerken, C. H. (2010). *Desenvolvimento humano: história, conceitos, polêmicas*. São Paulo: Cortez.
- Gouvêa, M. C. & Sarmento, M. (Orgs.). (2009). *Estudos da infância*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Larocca, P. (1999). *Psicologia na formação docente*. Campinas, SP: Alínea.



Le Goff, J. (2001). *A nova história* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, (Original publicado em 1978).

McGurk, H. (1976). *Crescimento e mudança: introdução a psicologia do desenvolvimento* (E. D'Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1975).

Mead, M. (1930) *Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for western civilization*. New York: William Morrow.

Mussen, P. H., Conger, John J. & Kagan, J. (1977). *Desenvolvimento e personalidade da criança* (4ª ed). (M. S. M. Netto, Trad.). São Paulo: Harper & Row do Brasil. (Original publicado em 1956).

Narodowski, M. (1994). *Infancia y poder*. Buenos Aires: Aique.

Oliveira, B. J. (2003). Imaginário científico e a história da educação. Em C. G. Veiga & T. N. L. Fonseca (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil* (pp. 101-128). Belo Horizonte: Autêntica.

Ottavi, D. (2004). *De Darwin a Piaget: para uma história da psicologia da criança* (M. Carvalho, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 2001).

Patto, M. H. S. (1991) *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: TA Queiroz.

Pikunas, J. (1979) *Desenvolvimento humano: uma ciência emergente* (3ª ed.). (A. B. Simões, Trad.). São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil. (Original publicado em 1976).

Plotkin, H. (2004). *Evolutionary thought in psychology: a brief history*. Oxford: Blackwell.

Shuttleworth, S. (2010). *The mind of the child: child development in literature, science and medicine 1840-1900*. Oxford: Oxford Press.

Warde, M. (1997). Para uma história disciplinar: psicologia, criança e pedagogia. Em M. C. Freitas (Org.). *História social da infância no Brasil* (pp. 121-147). São Paulo: Cortez.

Notas

(1) Investigação desenvolvida no interior da pesquisa: "A conformação da idade e da idade escolar nos discursos científicos e nas práticas pedagógicas (1880 – 1910)" com financiamento do CNPq (Edital Universal/2006, bolsa de produtividade em pesquisa 2006/2009 e bolsa de iniciação científica) e Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais/FAPEMIG (Programa Pesquisador Mineiro PPM/2007).

(2) Entre outras trabalhos vide Warde (1997), Patto (1991) e Larocca (1999).

(3) Entre outras obras, recentemente publicadas no Brasil, vide Corsaro (2011), Gouvêa e Sarmento (2009) e Cohn (2005)

(4) Para uma melhor apreensão da chamada Nova História, vide Le Goff (2001) e Burke (2003a).

(5) Os manuais analisados foram: "Crescimento e mudança: introdução a psicologia do desenvolvimento" de Harry McGurk (1976), "Desenvolvimento e Personalidade da Criança" de Mussen, Conger e Kagan (1977), "Desenvolvimento Humano" de Justin Pikunas (1979), "Psicologia do Desenvolvimento" de Dinah M. S. Campos (1977), "Psicologia do Desenvolvimento" de Hiram Fitzgerald, Ellen Strommen e J.



Gouvea, M. C. S. & Bahiense, P. N. (2011). A narração da história da psicologia do desenvolvimento e da produção sobre a infância nos livros didáticos. *Memorandum*, 20, 70-82. Retirado em / / , da World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/gouveabahiense01> 82

Mckinney (1983) e "Psicologia do Desenvolvimento: processo evolutivo da criança" de Carmen Enderle (1993).

(6) Os manuais aos quais nos referimos, são apenas os seis que foram analisados por conterem uma apresentação da constituição histórica da disciplina. Os demais manuais apesar de contemplarem o desenvolvimento da criança não foram utilizados neste trabalho.

Nota sobre as autoras

Maria Cristina S. de Gouvêa é professora Associada da Faculdade de Educação da UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG. Pesquisadora I-D do CNPq. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação da UFMG (GEPHE/ UFMG). E-mail: crisoares43@yahoo.com.br

Priscilla Nogueira Bahiense é graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UFMG. Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da UFMG. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação da UFMG (GEPHE/ UFMG). E-mail: priscillabahiense@hotmail.com

Data de recebimento: 25/05/2009
Data de aceite: 04/05/2011